

# BOICOTE À ALTA DOS PREÇOS

Philio Terzakis  
e Karla Mendes

Da equipe do Correio

Com agências

Quatro anos de Plano Real não bastaram para que os brasileiros esquecessem o que aprenderam em tempos de alta inflação: vigiar preços. Muita gente não está engolindo nem o reajuste nos produtos importados, que ficaram mais caros assim que o real foi desvalorizado. A funcionária pública Vera Lúcia de Vincenzo, 44 anos, não aceitou o aumento que encontrou na loja de produtos fotográficos que frequenta há uns dez anos. “Eu revelava um filme colorido de 36 poses por R\$ 15,80. Hoje, quiseram cobrar R\$ 20,90”, reclamou.

O dono da loja, Valderico Santana, informou que apenas repassou o reajuste cobrado pelo fornecedor: “O material ficou mais caro. Se eu não repassar o aumento, vou ter que fechar as portas”. O preço do material fotográfico — inclusive o utilizado em clínicas para radiologia, tomografia e ressonância magnética — ficou até 55% mais alto.

A Kodak do Brasil mandou ontem aos revendedores de filmes e material fotográfico a terceira tabela de preços em dez dias. “Não foi um aumento, mas uma adaptação ao câmbio”, diz o diretor de Relações com o Mercado da empresa, Waldir Berger. Mas dona Vera não quis explicações. Exigiu o preço antigo. Para não perder a cliente, Valderico deu um desconto de 15%. “Entendo de números. Ninguém vai me passar a perna”, diz a professora da Fundação Educacional do Distrito Federal, que é formada em Física, Química e Pedagogia e recebe cerca de R\$ 1,8 mil por mês.

Mas dona Vera terá dificuldades para levar adiante sua guerra contra a alta de preços. É caso da conta de luz, que também poderá ficar mais alta no Distrito Federal porque a desvalorização do real está trazendo prejuízos para a Companhia Energética de Brasília (CEB).

O problema da CEB é internacional. O Brasil tem um contrato com o Paraguai, sobre a energia de Itaipu, que obriga as concessionárias a comprar todo o excedente daquele país, via Furnas. A conta é paga em dólar.

As administradoras de consórcios estão repassando para as prestações os aumentos de preços dos veículos nacionais e importados. No entanto, no setor, não há receio de que haja retração por conta da desvalorização do real, da alta dos juros e da possibilidade da volta da inflação.

“Com a alta dos juros, as vendas por meio de consórcio ganham visibilidade”, diz o presidente da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), Vitor César Bonvino. É que o impacto dos aumentos de preços acaba sendo diluído nas prestações dos planos. Um aumento de 5% no valor do bem, por exemplo, num plano com prestação de R\$ 300, significa uma alta para R\$ 315.